

Blends lexicais em português: não-concatenatividade e correspondência

Carlos Alexandre Gonçalves (UFRJ)

Resumo

N

este artigo, analisa-se o fenômeno do cruzamento vocabular (*blend* lexical) à luz da teoria da correspondência – recente versão paralelista da teoria da otimalidade (PRINCE & SMOLENSKY, 1993). Distinguido o *blend* de outros processos que utilizam duas bases para formar palavra nova em português, o artigo descreve o fenômeno a partir de uma hierarquia de restrições.

Palavras-chave: Cruzamento vocabular; Hierarquia de restrições; Morfologia não-concatenativa; Teoria da correspondência.

Palavras iniciais

Com base na teoria da correspondência (McCARTHY & PRINCE, 1995; BENUA, 1995), analiso, neste texto, o fenômeno do *blend* lexical em português. Também chamado de palavra-valise (ALVES, 1990), cruzamento vocabular

(SANDMANN, 1990; SILVEIRA 2002) e mistura (SÂNDALO, 2001), o *blend* lexical consiste na “junção de dois vocábulos, sendo que o segundo é utilizado para completar parte do primeiro” (LAUBSTEIN, 1999, p. 1), a exemplo do que ocorre com ‘portunhol’, em que a sílaba tônica de ‘espanhol’ se alinha à direita das duas átonas de ‘português’ para finalizar a construção cruzada.

Utilizando os dados de Silveira (2002) e Álvaro (2003), procuro refutar a análise de Sandmann (1990, p. 76), para quem o *blend* é “um tipo de composição em português”. Ao descrever o fenômeno a partir de uma hierarquia de restrições, demonstro que ele se diferencia da composição por constituir caso claro de morfologia não-concatenativa em português (GONÇALVES, 2004), uma vez que a sucessão linear estrita das bases é muitas vezes rompida por sobreposições, como em ‘sacolé’ (“picolé em saco”), em que a sílaba ‘co’ é compartilhada pelas bases ‘saco’ e ‘picolé’. Em função disso, há correspondência de muitos-para-um entre segmentos das formas de base e segmentos do vocábulo cruzado.

O texto se estrutura da seguinte forma: na seção 1, descrevo o comportamento do *blend*, diferenciando-o de outros processos que igualmente se servem de duas bases para formar palavras novas em português. Na seção seguinte, mostro que o fenômeno requer acesso a informações prosódicas e analiso a estrutura morfológica de *blends* à luz da teoria da correspondência (McCARTHY & PRINCE, 1995). O levantamento das restrições relevantes é feito na seção 3, na qual demonstro que a produção de *blends* não é arbitrária, como sugerem alguns morfólogos (ALVES, 1990; SANDMANN, 1990), mas regida por princípios lingüísticos em conflito e interação, responsáveis pela seleção de formas ótimas que obedecem ao extremo restrições de nível mais alto e violam minimamente as de nível mais baixo.

Concluo o artigo, mostrando que a formação de vocábulos cruzados acontece numa dimensão de correspondência O-O (*Output-Output*), nos termos de Benua (1995), na qual uma restrição predominantemente marcada (No-PWd*) assegura que *blends* projetem um único nó PWd*. Em consequência, os elementos formativos devem se alinhar em uma de suas margens, a fim de que um maior número de margens de palavras morfológicas seja licenciado pelas margens da palavra prosódica, de acordo com uma interface de alinhamento restritivo (M Û P).

1 *Blends* lexicais: fronteiras com outros processos de formação

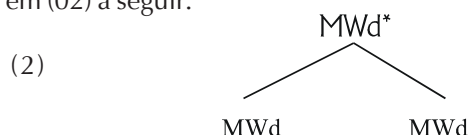
Apesar de duas palavras servirem de *input* à formação de uma terceira, como na composição, *blends* diferem de compostos por serem caracterizados pela interseção de bases (e não pelo encadeamento). A composição preserva a ordem linear dos elementos formadores, de modo que a segunda palavra se inicia exatamente no ponto em que a primeira termina, como em ‘baba-ovo’ (“bajulador”), mesmo quando um segmento é apagado por crase (‘aguardente’), elisão (‘planalto’) ou haplogogia (‘dedurar’), a exemplo do que acontece nos compostos aglutinados. Essa sucessão linear estrita nunca é preservada no

blend lexical (doravante BL), uma vez que as bases são literalmente fundidas, havendo, em decorrência, perda de material fônico não justificável por processos fonológicos segmentais. Vejam-se os dados em (01), a seguir:

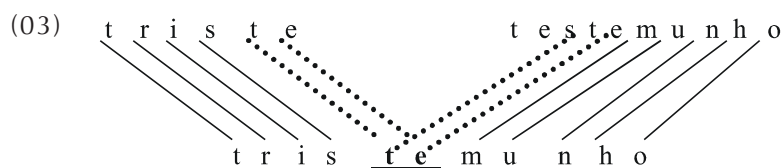
- (01) matel (mato + motel) – “motel ao ar livre”
 apertamento (apartamento + aperto) – “apartamento muito pequeno, apertado”
 cansástico (cansativo + Fantástico) – “Programa de TV considerado cansativo”
 gayroto (gay + garoto) – “criança do sexo masculino afeminada”
 cháfé (chá + café) – “café muito fraco, que se parece com chá”

Neste texto, não irei me deter nos valores expressivos que as construções cruzadas veiculam. Remeto o leitor interessado ao trabalho de Silveira (2002), que, abordando o fenômeno à luz da morfopragmática (KIEFER, 1998), diferenciou compostos de cruzamentos em termos de (a) latitude funcional, (b) posição de cabeças lexicais e (c) possibilidade de justapor afixos de diferentes tipos¹. Como objetivo descrever a manifestação do BL, vou me concentrar nos aspectos estruturais que fazem desse fenômeno um processo não-concatenativo de formação de palavras em português.

Uma vez que as bases que participam da formação de compostos são livres ou potencialmente livres, é possível afirmar que elas equivalem a palavras morfológicas (MWds). Compostos combinam MWds para gerar um novo lexema, pois o significado global da construção nem sempre corresponde à soma do significado das partes componentes (LAUBSTEIN, 1999; SANDMANN, 1990). Dessa maneira, o novo lexema constitui MWd complexa, representada por MWd*, como em (02) a seguir:



No BL, a combinação de palavras provoca ruptura na ordem linear estrita por meio de um *overlapping*, que leva a uma correspondência de um-para-muitos entre formas de base e forma cruzada. Como resultado, uma das bases é realizada simultaneamente com uma parte da outra, como se vê em (03), a seguir, formalização na qual linhas pontilhadas indicam múltiplas relações de correspondência.



Vistos dessa forma, BLs distinguem-se de criações analógicas (exemplos de 04), aqui interpretadas como substituições sublexicais por envolverem incorporação de uma “palavra invasora” na chamada “palavra-alvo” (BAT-EL, 1996). A palavra-alvo apresenta uma porção fonológica que coincide com a encontrada numa forma de livre-curso na língua e é a partir dessa identidade formal que se dá a incorporação. Em ‘macumba’, por exemplo, a seqüência ‘má’ – que não apresenta qualquer *status* morfológico – é idêntica ao adjetivo ‘má’. A palavra invasora (‘boa’) é projetada a partir dessa seqüência, levando consigo suas estruturas métrica e silábica. ‘Boa’ promove o constituinte ‘ma’ à condição de radical, substituindo sublexicalmente essa seqüência.

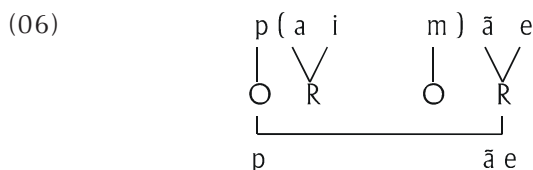
- (04) mãedrasta (madrasta tão boa como uma mãe)
bebemorar (comemorar à base de bebidas)
tricha (homossexual afeminado em demasia; três vezes bicha)
halterocopismo (levantamento de “copos” com bebida alcoólica)

BLs não podem ser analisados como substituições sublexicais porque duas palavras constituem *input* à formação de uma terceira. No caso de ‘bebemorar’, por exemplo, o *input* é a forma verbal ‘comemorar’, que, reanalisada, leva à inclusão da seqüência ‘bebe’, de ‘beber’, como se vê em (05). É no nível do *output* que se detecta a presença das duas bases. *Blends* constituem produtos da junção de dois vocábulos em “planos alternativos”, ao contrário das formações analógicas, cujas bases operam em “planos competitivos” (DOBROVOLSKY, 2001). Nesse último caso, o alvo é apenas uma das palavras e a interseção das bases é ocasionada pela reanálise intencional da forma-*input*. Veja-se (05) a seguir:

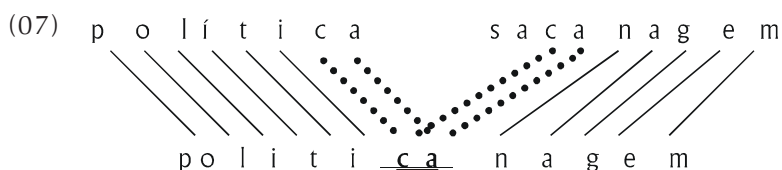
- (05) (be . be . mo . rar)MWd
()MWd)MWd
 |
(co . me)MWd)MWd*

BLs são fusões de duas formas de base: palavra 1 (P1) e palavra 2 (P2). O ponto de quebra (local em que essa junção ocorre) permite levantar algumas generalizações interessantes sobre a estrutura lexical de cruzamentos. Em linhas gerais, há dois padrões para o BL no português do Brasil, de acordo com Gonçalves (2003): (a) um para os casos em que P1 e P2 apresentam algum tipo de semelhança fônica e (b) outro para aqueles em que P1 e P2 são totalmente diferentes do ponto-de-vista segmental. Essa (des)semelhança fônica determinará o ponto de quebra².

Se as duas palavras envolvidas são monossilábicas, a unidade após a quebra pode ser identificada como rima. O cruzamento de ‘pai’ com ‘mãe’, originando ‘pãe’ (“pai zeloso como mãe” ou “pai que cuida do(s) filho(s) sem a presença da mãe”), separa o *onset* da rima, aproveitando o ataque de P1 e a rima de P2, como se vê na representação a seguir, na qual o material entre parênteses é dissociado.

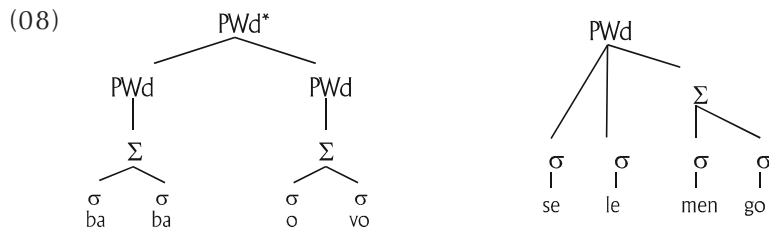


Dados como (06) nos levam a identificar a rima como unidade de produção no BL. Contudo, existe o problema de detectar qual é a porção das bases que vem antes e depois da quebra. Bastante clara nos monossílabos, essa situação é mais delicada no caso de vocábulos maiores. As palavras ‘saco’ e ‘picolé’ apresentam uma sílaba em comum (‘co’). Essa semelhança determina não só a interseção das palavras, como também a posição das bases no interior do cruzamento. Em decorrência de a sílaba ‘co’ ser átona final em ‘saco’, o BL preservará o acento lexical de ‘picolé’, fazendo com que essa forma funcione como P2 (cabeça lexical) e seja responsável pela pauta acentual da nova formação (‘sacolé’ – “picolé em saco”). Raciocínio semelhante pode ser encaminhado à junção de ‘política’ com ‘sacanagem’, cujo BL é ‘politicanagem’. A presença de uma sílaba comum (‘ca’) determina o ponto de quebra: como essa sílaba é final em ‘política’, P2, a cabeça (núcleo da formação), será ‘sacanagem’, que levará seu acento lexical para a nova palavra, como se vê em (07):



Nos casos em que as formas de *input* são totalmente dessemelhantes, não haverá descontinuidade morfológica, pois a quebra será feita com base no melhor rastreamento das palavras-matrizes (maior grau de identidade). Por exemplo, ‘português’ e ‘espanhol’ não apresentam qualquer segmento em comum, do ponto-de-vista da estruturação silábica. Nesse caso, a quebra é feita nas tônicas, sendo aproveitadas as duas sílabas iniciais de ‘português’ e a sílaba final de ‘espanhol’, resultando em ‘portunhol’ (“mistura de português com espanhol” ou “interferência do português no espanhol ou vice-versa”). A outra possibilidade (‘espaguês’), por ser mais opaca, dificilmente levaria às palavras-matrizes que serviram de *input*. O mesmo acontece com ‘cariúcho’ (“gaúcho que vive muito tempo no Rio de Janeiro e já se considera carioca”) e ‘showmício’ (“comício com apresentação de *shows* musicais”).

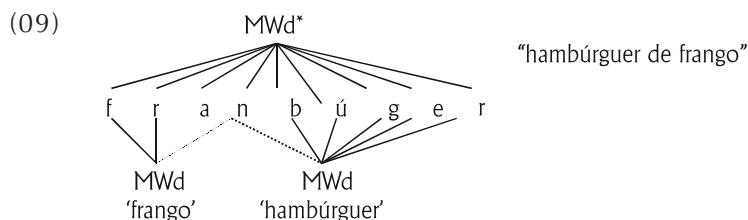
O que segue ou o que precede o ponto de quebra nem sempre é um constituinte morfológico, fazendo com que o BL seja visto como fenômeno distinto da composição, cujo encadramento preserva a integridade lexical das bases, mesmo que um processo fonológico modifique uma delas. A despeito das similaridades morfossemânticas (SILVEIRA, 2002; ÁLVARO, 2003), há uma diferença crucial entre BL e composição: nos compostos regulares³, cada um dos formativos projeta sua própria palavra prosódica (PWd), enquanto nos *blends* os dois formativos levam a uma só PWd, como se vê em (08):



Em resumo, o BL é um processo de formação de palavras que acessa informações fonológicas, como (a) a posição do acento de P1 e P2, (b) o grau de semelhança fônica das bases e (c) a natureza estrutural da seqüência compartilhada pelas formas que se combinam. Por esses motivos, deve ser visto não como um caso de substituição sublexical, como as criações analógicas, mas como uma fusão que leva à mistura não-linear de bases, o que faz com que *blends* se diferenciem de compostos, cuja ligação sempre se dá por encadeamento, seja ele por justaposição ou por aglutinação.

2 A estrutura morfológica de *blends* lexicais

Assumindo que o morfema é uma unidade de significação (SPENCER, 1991), podem-se identificar três elementos morfológicos em um cruzamento. A representação em (09) ilustra o fato de ‘franbúrguer’ não apenas rotular um diferente tipo de carne processada, mas também veicular os conteúdos ‘frango’ e ‘hambúrguer’. Em outras palavras, os significados dos *inputs* combinam-se no cruzamento para formar um novo conceito unificado. Por conseguinte, os segmentos das duas palavras morfológicas (MWds) são associados a uma palavra morfológica complexa (MWd*), uma vez que contribuem para formá-la.



Apesar de as fronteiras entre palavras morfológicas nem sempre serem precisas no BL, devido à existência de sobreposições, defendo a idéia de que esse fenômeno apresenta estrutura morfológica composicional. Os *inputs* das MWds permanecem no cruzamento de acordo com a análise MWd* @ MWd MWd (representação 02), que se aplica tanto a compostos quanto a *blends*. Essa proposição é vital para a defesa de que há elementos ambimorfêmicos no BL, pois nenhum segmento poderia ser ambimorfêmico se houvesse apenas um morfema. Os exemplos de (10) mostram que o significado de um cruzamento é composicional, o que comprova a existência de estrutura morfológica interna.

- (10) analfabeto + burro → analfaburro
 'iletrado' 'idiota' 'analfabeto idiota'
- gay + garoto → gayroto
 'homossexual' 'menino' 'menino com trejeitos homossexuais'

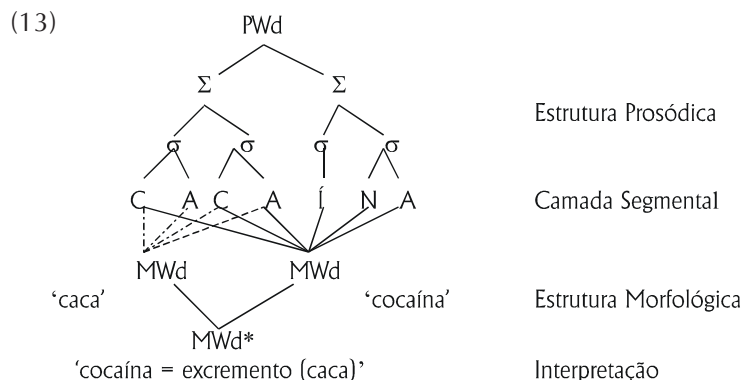
A semelhança na análise MWd* → MWd MWd não iguala, no entanto, compostos e cruzamentos. Como destaquei mais acima, compostos projetam suas próprias palavras prosódicas (PWd) sobre um nó PWd*, enquanto BLs se apresentam em uma única palavra prosódica (08), refletindo a tendência de evitar recursividade no constituinte PWd. Para legitimar as projeções dos nós PWd*, proponho a condição marcada NO-PWd*, como em (11), seguindo Piñeros (2000):

- (11) NO-PWd* (Não-recursividade no domínio da Palavra Prosódica):
 Formas de *output* não podem apresentar nódulos PWd*

A recursividade da palavra prosódica (PWd) é necessária na combinação de duas palavras morfológicas (MWd), uma vez que todo constituinte morfológico se sujeita ao licenciamento prosódico. Mais especificamente, toda MWd deve ser licenciada por uma PWd. Prince & Smolensky (1993) formalizam essa condição como sendo $LX \approx PR$. Veja-se (12) a seguir:

- (12) $LX \approx PR$ (uma palavra lexical equivale a uma palavra prosódica)
 Membros da categoria morfológica MWd devem estar vinculados à categoria prosódica PWd

A condição $LX \approx PR$ assegura que MWds sejam devidamente licenciadas por PWds. Violações de $LX \approx PR$ acontecem quando o *output* contém menos palavras prosódicas que morfológicas. Como defendi mais acima, cruzamentos contêm apenas uma palavra prosódica, apesar de existirem três palavras morfológicas em seu interior. Dessa forma, satisfazem a condição NO-PWd*, em detrimento de $LX \approx PR$, como se vê em (13):



Assumindo-se a hierarquia NO-PWd* >> LX ≈ PR, vocábulos cruzados ótimos precisam encontrar uma alternativa que possibilite o licenciamento das três palavras morfológicas sem, com isso, projetar um nó PWd*. Para mostrar como isso é feito, passo à análise do BL em português, levando em conta os seguintes fatores: (a) o tamanho das palavras-matrizes e (b) o grau de semelhança fônica entre elas.

3 Violações e conflitos: a “Gramática” do BL em português

As palavras utilizadas no BL não são sempre do mesmo tamanho (SILVEIRA, 2002; GONÇALVES, 2003). A menor forma de base pode começar exatamente no ponto em que a maior palavra-matriz se inicia, a fim de que haja coincidência nas margens esquerdas. Como se vê em (14), as palavras combinadas compartilham muitos segmentos, o que torna tênues os limites entre elas, mas garante bom alinhamento na periferia esquerda da PWd formada.

(14) b o i
 b a i l a r i n a
 b o i l a r i n a → “bailarina muito gorda”

Há casos em que a menor palavra-matriz finaliza no ponto em que a maior termina (15), havendo, por conseguinte, coincidência entre a margem esquerda da sílaba final de P1 e a margem direita da última sílaba de P2.

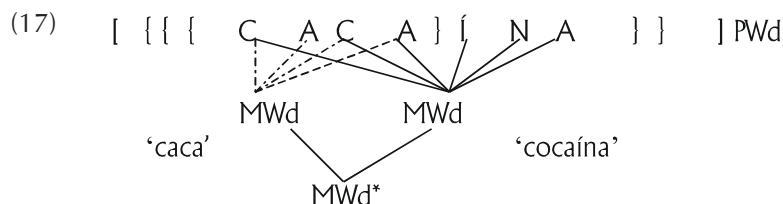
(15) p r o s t i t u t a
 p u t a
p r o s t i p u t a → “prostituta muito vulgar”

Como se pode perceber, os exemplos de (14) e (15) estão relacionados com o alinhamento (McCARTHY & PRINCE, 1993): o BL tenta dar conta do maior número de margens de palavras morfológicas alinhadas com margens de palavras prosódicas. Para captar esse fato, proponho, seguindo a análise de Piñeros (2000) para o espanhol, que LX ≈ PR (12) seja vista como restrição de alinhamento ($M \Leftrightarrow P$), definida da seguinte maneira:

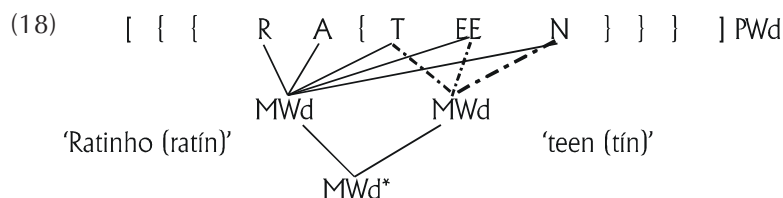
(16) ALINH ($M \Leftrightarrow P$) – Alinhamento de margens de MWd com margens de PWd:
Dadas MWd_i, MWd_j (...) e PWd_i, PWd_j (...), alinhe MWd_i, E/D, PWd_i E/D. A margem E/D da categoria ‘Palavra Morfológica’ é alinhada com a margem correspondente da categoria ‘Palavra Prosódica’.

Essa restrição é mais expressiva que LX ≈ PR, uma vez que o alinhamento ($M \Leftrightarrow P$), além alcançar o mesmo efeito obtido via LX ≈ PR, tem a vantagem de permitir distinções mais precisas entre candidatos concorrentes, pois o licenciamento prosódico é medido margem à margem, em vez de categoria à categoria. Com três palavras morfológicas e apenas uma palavra prosódica para licenciá-las, as bases de um cruzamento devem ser dispostas de modo a

maximizar o uso das duas margens de PwD disponíveis. Voltemos ao exemplo (13), aqui repetido como (17), para ilustrar o alinhamento. Nessa representação, utilizo [] para sinalizar margens de PwD e { }, para margens de MWd.



Como se vê em (17), apenas uma das seis margens de palavras morfológicas fica desalinhada. As margens esquerdas das três MWds coincidem com a margem esquerda da única palavra prosódica, uma vez que as três MWds dominam [k], o elemento mais à esquerda. Na periferia direita, duas margens da palavra morfológica coincidem com a margem direita da palavra prosódica. Apenas a margem direita da palavra morfológica {kaka} é encontrada no interior do cruzamento. A imagem em espelho dessa situação aparece em (18). Nesse caso, somente a margem esquerda da MWd {teen}, pronunciada ‘tim’, como a seqüência final de Ratinho (‘Ratim’), está desalinhada. Todas as demais margens de MWd sempre coincidem com uma margem da PwD.



(Ratinho para adolescentes; referência ao Programa Livre, do SBT)

O alinhamento ($M \Leftrightarrow P$) é a força que desencadeia o BL em português, tendo papel de destaque também na determinação do ponto de quebra (LAUBSTEIN, 1999). Apesar de essa restrição ser dominada por NO-PWd*, *blends* ótimos deve minimizar o número de violações de ALINH ($M \Leftrightarrow P$)⁴. Nos casos até então analisados, cinco das seis margens de MWd se alinham perfeitamente com as margens da única PwD. No *tableau* abaixo, mostro como *ranking* No-PWd >> ALINH ($M \Leftrightarrow P$) leva à escolha do *output* correto para o cruzamento de ‘caca’ com ‘cocaína’:

(19)

	[(ká.ka) [(ko.ka) (í.na)]]	No-PWd*	ALINH (MÛP)
a.	{ { { [kaka] } [kocaína] } }	‡	
b.	{ { { [kaka] } ína } }	☞	*
c.	{ { [kak]o } ína } }		**‡
d.	{ { [ka] } [kocaína] }		**‡

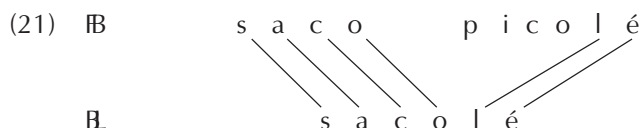
O candidato (19a), em perfeita conformidade com o alinhamento ($M \leftrightarrow P$), fornece uma palavra prosódica para cada palavra morfológica, incluindo a projeção de uma PWd^* , que tem suas margens coincidindo com as da MWd^* . Apesar desse alinhamento exemplar, (19a) é sumariamente eliminado, uma vez que incorre numa violação fatal de $NO-PWd^*$, que conspira contra recursividade no domínio da palavra prosódica.

O candidato (19c) satisfaz $NO-PWd^*$, projetando uma única palavra prosódica, mas comete uma dupla violação de PWd^* , pois duas margens estão desalinhadas. Além disso, há inversão de segmentos (metátese), o que – talvez por violar LIN (Linearidade) – torna difícil a ligação da vogal média à MWd 2. O candidato (d) tenta maximizar o uso das margens da única PWd para obter melhor alinhamento, mas duas das margens ainda permanecem desalinhadas, pois as palavras-matrizes não iniciam ou terminam no mesmo ponto. A forma (19b) é a vencedora pelo fato de otimamente explorar o uso das margens da palavra prosódica disponíveis para alinhamento. Como as duas formas de base começam no mesmo ponto, esse candidato realiza o melhor alinhamento possível. Apesar de $ALINH$ ($M\dot{U}P$) ter sido infringida uma vez, para que a restrição $NO-PWd^*$ fosse devidamente respeitada, seu papel é decisivo na seleção do candidato ótimo. A violação mínima dessa restrição faz a diferença entre o vencedor e seu mais sério adversário (19d). O preço pago para alcançar o melhor alinhamento é a sobreposição das bases na margem esquerda da palavra prosódica.

Não é raro encontrar *blends* que excluam alguns dos segmentos presentes nas formas de bases, como, entre inúmeros outros, ‘chafé’ (“café fraco como chá”), ‘batatalhau’ (“bolinho com mais batata que bacalhau”) e ‘politicanagem’ (“política corrupta, com muitas mutretas, sacanagem”). Tal tipo de infidelidade é proibida pela restrição de correspondência MAX ($FB-BL$)⁵, tal como expressa em (20) a seguir.

- (20) MAX ($FB-BL$) – Maximização das Formas de Base
Cada elemento das formas de base (FB) deve apresentar um correspondente no *Blend* Lexical (BL)

Violações de MAX ($FB-BL$) podem distorcer a identidade do *blend* com suas formas de base. Para atender a exigência imposta por MAX ($FB-BL$), o cruzamento deve fornecer correspondentes para todos os segmentos das palavras-matrizes, sendo fiel a ambas, uma vez que as duas fazem parte do *input*. Na representação abaixo, caso os segmentos /k/ e /o/ fossem correspondentes exclusivos da primeira sílaba de ‘saco’ – a palavra-matriz mais curta –, o *blend* incorreria em quatro violações de MAX ($FB-BL$), uma vez que somente dois segmentos de ‘picolé’ apareceriam no cruzamento ‘sacolé’.



Para minimizar os danos de identidade provocados por MAX (FB-BL), *blends* exploram a possibilidade de um único segmento do vocábulo cruzado atuar como correspondente de dois ou mais segmentos nas formas de bases. Nesse caso, os segmentos /k/ e /o/ se tornam ambimorfêmicos, uma vez que apresentam múltiplas relações de correspondência, passando a se associar a mais de um morfema (DE LACY, 1999).



Segmentos ambimorfêmicos atenuam a gravidade de infrações a MAX (FB-BL). Por não promover correspondentes para [k], [o], [l] e [e], o vocábulo cruzado (21), ‘sacolé’, “picolé em forma de saco”, incorreria em quatro violações de MAX (FB-BL). Essa situação pode ser consideravelmente melhorada, caso a sílaba ‘co’ estabeleça relação de correspondência para com as duas formas de base. Segmentos ambimorfêmicos, portanto, atenuam a gravidade da desobediência a MAX (FB-BL), fazendo com que apenas dois segmentos não apresentem correspondente no cruzamento (22). Dessa maneira, outra restrição se torna relevante – MORFDIS (McCARTHY & PRINCE, 1995), que pode ser formulada nos seguintes termos:

(23) MORFDIS (Disjuntividade Morfêmica)

Distintas instâncias de morfemas têm conteúdos distintos. Não pode haver sobreposição de morfemas.

Cada segmento do *blend* com correspondentes duplos nas palavras-matrizes incorre numa violação de MORFDIS, uma restrição que bane a mistura de morfemas numa única forma. A razão para incluir MORFDIS na hierarquia é a seguinte: como o alinhamento ($M \leftrightarrow P$) domina MAX (FB-BL), as formas de base devem se sobrepor, mesmo que, para isso, seja necessário apagar alguns segmentos, como ocorre em ‘cansástico’, cruzamento de ‘cansativo’ com ‘Fantástico’, programa de TV, e ‘namorido’, fusão de ‘namorado’ com ‘marido’. O *tableau* abaixo ilustra a seleção da forma ótima para o cruzamento de ‘chá’ com ‘café’ (“café fraco como chá”), de acordo com a hierarquia parcial NO-PWd* >> ALINH ($M \leftrightarrow P$) >> MAX (FB-BL) >> MORFDIS. Segmentos ambimorfêmicos aparecem em negrito e são sublinhados.

(24)

[[chá]] [[café]]	NOPWd*	ALINH ($M \leftrightarrow P$)	MAX(FB-BL)	MORFDIS
a. [[[café]] [[chá]]]	‡			
b. [[[chá]] [[café]]]	‡			
c. [{{ca}} {chá}]		*	fé!	
d. [{{fé}} {chá}]		*	ka!	
e. [{{cha}} {fé}]		*	ka!	
f. [{{ch a fé}}]	☞	*	k	*

Os dois primeiros candidatos são imediatamente eliminados por promoverem recursividade no domínio da palavra prosódica, violando NO-PWd*. ALINH (M \Leftrightarrow P) não é capaz de arbitrar sobre a escolha dos candidatos que continuam no páreo, uma vez que os quatro concorrentes apresentam duas margens de palavra morfológica desalinhadas no interior do cruzamento. MAX (FB-BL) é desrespeitada pelos candidatos remanescentes, já que todos cancelam segmentos de uma das palavras-matrizes. As formas (24c) e (24d) cometem uma dupla violação de MAX (FB-BL), apagando, nesta ordem, a primeira e a segunda sílaba de 'café'.

Os candidatos (24e) e (24f) apresentam a mesma realização, mas diferem em termos de representação morfológica. A forma (24e), por não permitir ambimorfemia, associa a vogal /a/ apenas à base 'chá', o que resulta numa dupla violação de MAX, já que a palavra-matriz 'café' deixa de apresentar, no BL, dois segmentos: /k/ e /a/. Por deletar apenas a oclusiva da segunda MWd, (24f) acaba sendo a forma ótima. A melhor satisfação a MAX (FB-BL) tem, no entanto, um custo: provoca a ambimorfemia da vogal /a/, que se filia tanto a 'chá' quanto a 'café'. A violação de MORFDIS – que não interfere na seleção de 'cháfé', por ser ranqueada mais baixo – não é fortuita, pois garante maior fidelidade do cruzamento às formas de base.

Como MAX (FB-BL) é mais importante que MORPHDIS, é possível que um ou mais segmentos do *blend* apresentem múltiplos correspondentes nas palavra-matrizes. Adicionalmente, um único segmento do vocábulo cruzado pode ter correspondentes não-idênticos nas formas de base, pois MAX (FB-BL) também domina IDENT (FB-BL), outra restrição da família CORRESPONDÊNCIA (BENUA, 1995):

- (25) IDENT (FB-BL) – Identidade de traços entre BL e FB
Segmentos correspondentes têm o mesmo valor para o traço F.
Não pode haver permuta de traços das formas de base (FB) para o *blend* (BL): a especificação dos segmentos de BL deve preservar a estabelecida em FB.

A interação de MAX (FB-BL) com MORPHDIS e IDENT (FB-BL) pode ser observada em dados como 'burrocracia' ("burocracia burra"). Levando em conta o alinhamento, pode-se dizer que esse *blend* maximiza otimamente as margens das três palavras morfológicas com a única palavra prosódica disponível. Com três margens de MWd alinhadas à esquerda e duas à direita, somente a periferia direita de {burro} fica desalinhada. O custo dessa otimização é a existência de segmentos ambimorfêmicos. Como frisei mais acima, a ambimorfemia necessariamente leva a violações de MORFDIS, pois um segmento do *blend* se associa a mais de um elemento das formas de base. A questão que se coloca, no entanto, é a seguinte: quantos segmentos ambimorfêmicos são permitidos num cruzamento? No *tableau* abaixo, listo candidatos foneticamente idênticos para o *blend* 'burrocracia', atribuindo estruturação morfológica diferente para cada um. Elementos ambimorfêmicos aparecem negritados e sublinhados.

(26)

[[{burro}]] [[{burocracia}]]	MAX(FB-BL)	MORPHDIS	IDENT(FB-BL)
a. [[{burrocracia}]]	b! u r o		
b. [[{burrocracia}]]	u! r o	*	
c. [[{burrocracia}]]	r! o	*	
d. [[{burrocracia}]]	ɾ!	***	
e. [[{burrocracia}]] ↗		***	/r-R ⁶ /

Apesar de foneticamente idênticos, os candidatos de (26) são diferentes, do ponto-de-vista formal, por participarem de diferentes relações de correspondência observáveis nas avaliações. No concorrente (26a), os quatro primeiros segmentos do *blend* – /b/, /u/, /R/ e /o/ – estão em exclusiva correspondência com os constituintes da forma de base mais curta. Com isso, os segmentos /b/, /u/, /r/ e /o/, da palavra-matriz mais longa, não têm correspondentes no *blend*, incorrendo em quatro violações de MAX (FB-BL). Um paulatino progresso é observado de (26b) a (26d), que diminuem, um a um, os segmentos das formas de base sem correspondentes no cruzamento. A forma (26e) é selecionada como *output* por evitar qualquer violação de MAX (FB-BL), permitindo que os segmentos de ‘burro’ estejam em correspondência com as duas palavras-matrizes. A baixa cotação de MORFDIS e IDENT (FB-BL) faz com que a ambimorfemia seja a melhor maneira de garantir fidelidade às formas de base. O candidato vencedor viola quatro vezes MORFDIS e uma vez IDENT (FB-BL), mas sua escolha já foi determinada por MAX (FB-BL), restrição mais bem posicionada na hierarquia. Os efeitos das restrições dominadas são, no entanto, visíveis no *blend*, que apresenta quatro segmentos ambimorfêmicos, um dos quais uma vibrante com dois correspondentes nas formas de base: uma simples (/r/), em ‘burocracia’, e uma múltipla (/R/), em ‘burro’.

Uma importante previsão feita a partir da análise aqui desenvolvida é a do local de junção no *blend*. A fusão das palavras-matrizes sempre ocorre no ponto em que elas apresentam maior semelhança fônica, pois é só assim que o cruzamento pode alcançar perfeita satisfação de fidelidade nas restrições MAX (FB-BL) e IDENT (FB-BL). Uma vez que GEN permite qualquer ordenamento entre as bases (BAT-EL, 1996), a proibição e a inibição de restrições ativas é que determinam onde as formas se sobrepõem. Considere-se, por exemplo, o cruzamento de ‘bailarina’ com ‘boi’. A base mais curta aparece à esquerda do vocábulo cruzado (‘boilarina’), haja vista ser nessa margem que ‘boi’ apresenta maior afinidade com ‘bailarina’, convergindo em dois segmentos na mesma posição do esqueleto silábico: o *onset* /b/ e a *coda* /y/. Raciocínio semelhante pode ser encaminhado a ‘gayúcho’ (gay + gaúcho) e ‘matel’ (motel + rato). Diferente acontece com ‘Rateen’ (Ratin(ho) + teen) e ‘uísquerda’ (uísque + esquerda), exemplos nos quais o maior grau de semelhança fônica aparece na margem direita das formas de base.

Os efeitos das restrições de fidelidade podem ser vistos no *tableau* abaixo para o cruzamento de ‘pedra’ com ‘pedagogia’. Em (27), fica claro o fato

de a base mais curta figurar à esquerda do vocábulo cruzado. Competidores aparentemente bons, por violarem minimamente ALINH (M↔P), não são selecionados por explorarem mal a afinidade fônica entre as bases (27c e 27d). Mesmo alcançando um alinhamento ótimo, o produto ‘pedagopedra’ comete violações desnecessárias de MAX (FB-BL) e IDENT (FB-BL).

(27)

[[pedra] [[pedagogia]]	ALINH (M↔P)	MAX(FB-BL)	MORPHDIS	IDENT(FB-BL)
a. [[[pedra] {gogia}]]	**!	p e d a		
b. [[[pedra]gogia]]	*		p e d a	leel
c. [[[pedago]pedra]]	*	g i !	p d	
d. [[[pedago]pedra]]	*	g i !	a	
e. [[[pedago]{pedra}]]	**!	g i a		

Os candidatos (27a) e (27e) evitam segmentos ambimorfêmicos ao cancelarem correspondentes de segmentos das formas de base (quatro, no primeiro, e três, no último). Esse apagamento é obviamente sancionado por MAX (FB-BL), que, apesar disso, não é responsável pela eliminação desses concorrentes, crucialmente tirados do páreo por uma restrição de nível mais alto – alinhamento (M ↔ P). As formas (27c) e (27d) satisfazem o alinhamento tanto quanto o candidato vencedor (27b). A decisão fica a cargo de MAX (FB-BL), que é capaz de levar a violações de nível mais baixo, como MORPHDIS e IDENT (FB-BL). Os concorrentes (27c) e (27d) permitem que determinados segmentos sejam ambimorfêmicos: o último exige que eles sejam rigorosamente idênticos e o primeiro, mais maleável, associa /p/ com /j/ e /d/ com /i/. Como eliminam a seqüência /j i/, da palavra-matriz mais longa, as formas em exame são excluídas por MAX (FB-BL). Com um segmento ambimorfêmico não-idêntico, (27b) mantém a maior semelhança possível para com as bases, efetuando o cruzamento na margem direita da palavra prosódica. A restrição de fidelidade IDENT (FB-BL) torna claro o fato de o cruzamento ocorrer na margem esquerda para assegurar, da maneira mais otimizada possível, a identidade entre FB e BL. Ao permitir segmentos ambimorfêmicos, o candidato (27b), com o cruzamento na margem esquerda, explora ao máximo a afinidade entre o *blend* e suas formas de base, alcançando identidade quase perfeita entre essas duas linhas de representação lingüística.

Nos casos em que as palavras-matrizes (a) diferem nos segmentos mais periféricos ou (b) não apresentam segmentos em comum, a fidelidade do *blend* às bases é crucial para determinar o ponto de fusão, como mostrarei a seguir, a partir dos exemplos de (28):

(28) (a) e s p a n h o l
 p o r t u g u ê s
 → p o r t u n h o l “interferência do português no
 espanhol ou vice-versa”

- (a) f o r r ó
 p a g o d e
 → f o r r o g o d e “gênero musical que mistura forró com pagode”

Em (28), as bases do cruzamento se alinham na periferia direita, muito embora não haja sobreposição nessa margem. Conseqüentemente, não há disjuntividade morfológica nem segmentos ambimorfêmicos. No *tableau* abaixo, ALINH (M↔P) não é capaz de arbitrar sobre os candidatos, uma vez que todos desrespeitam essa restrição da mesma maneira, deixando duas margens de MWd desalinhadas no interior do *blend*. MAX (FB-BL) consegue eliminar apenas quatro formas, deixando três candidatos no páreo.

(29)

[[fórró]] [[pagode]]	ALINH(MÛP)	MAX(FB-BL)	MORFDIS	IDENT(FB-BL)
a. [[[fo] {pagode}]] ↯	*	Ro		
b. [[[for]{o}de]]	*	pag!	ó	
c. [[[fo]{gode}]]	*	Rop!a		
d. [[[forro]{gode}]] ↯	*	pa		
e. [[[pagode] {rró}]] ↯	*	fo		
f. [[[pago] {rró}]]	*	def!o		
g. [[[pa] forró]]	*	god!e		

Como não há sobreposição de segmentos, a condição imposta por MORFDIS é respeitada três formas que deletaram apenas uma sílaba das palavras-matrizes (29a, d, e). Através da ambimorfemia da vogal média posterior aberta, (29b) até tenta minimizar o número de violações de MAX (FB-BL), mas, ainda assim, não consegue se igualar aos classificados por essa restrição, uma vez que apaga os três segmentos iniciais de ‘pagode’. A seleção da forma vencedora não compete a IDENT (FB-BL), pois todos os candidatos remanescentes passam por seu crivo, atendendo à condição imposta por essa restrição: nenhum segmento de BL pode alterar a especificação de traços estabelecida em FB. Como resolver esse impasse e decidir qual é, de fato, o *output* correto?

Assumindo-se que o rastreamento das formas de base é feito não apenas em função dos traços especificados no *input*, mas também da mínima contribuição de material fônico, outra restrição de correspondência – além de MAX (FB-BL) e IDENT (FB-BL) – também é ativa no cruzamento vocabular. As palavras ‘pagode’ e ‘forró’ não têm o mesmo número de sílabas e, por isso, a perda de segmentos da mais curta pode tornar opaca sua identificação no *blend*. É o que acontece com os candidatos (29a) e (29e). Em ambos os casos, a menor palavra-matriz contribui apenas com uma sílaba, fazendo com que a mais longa fique inteiramente preservada, a fim de satisfazer MAX (FB-BL) da melhor maneira possível. Com isso, torna-se difícil rastrear ‘forró’ a partir dos cruzamentos ‘fopagode’ (29a) e ‘pagoderró’ (29f): com a total integridade de ‘pagode’, palavra-matriz mais longa, a identidade de ‘forró’ fica extremamente prejudicada.

Para selecionar o candidato mais harmônico, é necessário que outra restrição arbitre em relação aos danos de identidade que podem ser causados por MAX (FB-BL). Essa restrição é definida em (30), a seguir, e tem a função de checar a correspondência entre as bases do *output* e seus equivalentes no *input*. Relações de correspondência estão sujeitas à avaliação de restrições que observam discrepâncias entre um *input* e um *output* ou entre duas formas de *output* (p. ex., base e produto de processos morfológicos, como mostram Benua (1995) e Urbanczyk (1996), entre outros).

Uma vez que exigem compartilhamento entre representações lingüísticas, as restrições de correspondência podem ser agrupadas em famílias⁷. Por exemplo, fazem parte da família DEP (dependência; não-inserção) restrições como DEP-IO (do *input* (I) para o *output* (O), não pode haver epêntese), DEP-BR (nenhuma inserção da base (B) para o reduplicante (R) é permitida) e DEP-BT (da base (B) para o truncamento (T), não pode haver acréscimo de segmentos), entre outras. MAX (FB-BL), proposta neste trabalho, faz parte da família MAX, que confere se há apagamentos de uma representação para outra. Considerando que as relações de correspondência se propagam para qualquer domínio que envolva identidade de formas (FUZUKAWA, 1997), MAX pode exigir que uma das formas de base se realize plenamente no cruzamento. A restrição formulada em (30) tem a função de exigir maior fidelidade à base mais curta:

- (30) MAX (FB_{min}-BL) – Maximização da menor base (FB) no *blend* lexical (BL)
A menor forma de base deve estar maximamente contida no cruzamento. Não pode haver, no *blend* (BL), eliminação de segmentos da forma de base mais curta (FB_{min}).

Voltemos ao *tableau* (29). Dos três candidatos que continuaram na disputa, somente um (29d) consegue atender à exigência imposta por MAX (FB_{min}-BL), uma vez que (29a) e (29e) eliminam, nesta ordem, a tônica e a átona de 'forró'. O vencedor é mais harmônico que os demais por preservar a palavra-matriz mais curta, possibilitando acesso mais transparente à menor forma de base.

(31)

[[forró]] [[pagode]]	MAX(FB-BL)	MORFDIS	IDENT(FB-BL)	MAX(FBmin-BL)
a. [{{fo} {pagode}}]	Ro			*#
d. [{{forro}{gode}}]	pa			
e. [{{ pagode} {rró}}]	fo			*#

São poucos os *blends* em que MAX (FBmin-BL) é responsável pela seleção de *outputs* corretos, já que a grande maioria dos dados (SILVEIRA, 2002; GONÇALVES, 2003) explora maximamente o alinhamento e a semelhança fônica das palavras-matrizes. Essa restrição opera quando as formas de base são bem diferentes do ponto-de-vista segmental, inviabilizando o acesso à ambimorfemia, que assegura, da maneira mais otimizada possível, correspondência com o conteúdo material presente no *input*.

Palavras finais

Na análise ora apresentada, cruzamentos vocabulares são econômicos porque tendem a preservar a estrutura das bases, prosódica e segmentalmente. Ao otimizar o alinhamento de constituintes morfofonológicos e a semelhança das palavras-matrizes, *blends* permitem vinculação de certos segmentos a mais de um morfema, garantindo o maior número possível de relações entre formas lingüísticas. Nesse sentido, fornecem evidência empírica para a teoria da correspondência (McCARTHY & PRINCE, 1995), reforçando a proposta de Benua (1995), para quem as restrições de fidelidade atuam em outras entidades representacionais, além de *input* e *output*. Ao defender a correspondência de muitos-para-um e a correspondência não-idêntica, pude constatar que restrições são ativas no domínio FB-BL (formas de base/*blend* lexical), focalizando não só as relações entre *input* e *output*, mas também as relações entre as bases do cruzamento.

Procurei demonstrar que a produção de *blends* não é arbitrária, como sugerem, entre outros, Alves (1990) e Rocha (1998). Princípios lingüísticos consistentes interagem na emergência de cruzamentos vocabulares ótimos, selecionados a partir de um *ranking* único de restrições morfológicas, prosódicas e de correspondência. Ao analisar a estruturação interna de cruzamentos, mostrei que há inúmeras diferenças entre composição e *blend* lexical, fazendo do primeiro um processo morfológico aglutinativo e do segundo uma operação não-concatenativa. Dessa maneira, forneço argumentos contrários à alegação de Sandmann (1990: 49), segundo a qual “cruzamento é um tipo de composição”.

Abstract

In this paper, I describe lexical blend within the framework of correspondence theory, recent parallelistic model of optimality theory (PRINCE & SMOLENSKY, 1993).

Keywords: Correspondence theory; Non-concatenative morphology; Lexical blend; Optimality theory.

Notas

¹ Gonçalves (2003) propõe uma análise preliminar do cruzamento vocabular com base na Morfologia Prosódica (McCARTHY, 1986) e mapeia algumas diferenças entre compostos e cruzamentos a partir dessa perspectiva teórica.

² A semelhança fônica deve ser interpretada não como mera presença de um segmento comum, mas como uma semelhança em termos de posição na estrutura da sílaba. Assim, embora ‘*show*’ e ‘*comício*’ apresentem uma vogal média posterior em comum (/o/), essa identidade não é estrutural, uma vez que as rimas são diferentes: na primeira palavra, a rima é ramificada (/ow/), enquanto na segunda a rima é constituída unicamente da vogal média (/o/). Dessa forma, ‘*show*’ e ‘*comício*’ são interpretadas como dessemelhantes, sendo o *blend* formado a partir do padrão 2 (‘*showmício*’), como destacarei mais adiante (ver seção 4).

³ De acordo com Villalva (2000), Rio-Torto (1998) e Silveira (2002), não são produtivos os chamados compostos aglutinados, cujo produto leva a uma só palavra prosódica.

⁴ O alinhamento (M \Leftrightarrow P) é plenamente satisfeito quando as formas de base iniciam e terminam no mesmo ponto, o que ocorre nos compostos. Em ‘*sangue-bom*’ (‘*peessoa de temperamento pacífico*’), p. ex., todas as margens de MWD coincidem com margens de PWD.

- ⁵ Em Gonçalves (2003), encontra-se uma discussão sobre as famílias de restrições de fidelidade, à luz da Teoria da Correspondência (McCARTHY & PRINCE, 1995; BENUA, 1995). MAX (FB-BL) pode ser entendida como uma restrição que atua na dimensão *Output-Output* (FAKAZAWA, 1997).
- ⁶ /R/ representa, neste Tableau e em outros, uma vibrante múltipla.
- ⁷ Um exame do papel das restrições de fidelidade em modelos otimalistas paralelistas é feito em Gonçalves (2004), texto para o qual remeto o leitor interessado em maiores detalhes sobre o assunto.

Referências

- ALVES, I. M. *Neologismo*. São Paulo: Ática, 1990.
- ALVARO, P. T. *Nas raias da recategorização léxico-semântica: uma análise sociocognitiva da combinação lexical em português*. 2003. 87f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003.
- BAT-EL, O. Selecting the best of the worst: the grammar of hebrew blends. *Phonology*, New York, vol. 13, n. 1, p. 283-328, jan./jul. 1996.
- BENUA, L. Identify effects in morphological truncation. In.: BECKMAN, J. (Ed.). *Papers in Optimality Theory*, Rutgers, vol. 18, n. 1. 1995. p. 77-136.
- DELACY, P. Morphological haplology and Correspondence. *Rutgers Optimality Archive*, Pennsylvania, vol. 1, n. 1, p. 298-299, jan./jul.. 1999.
- DOBROVOLSKY, M. Malay blends: CV or syllable template? *Calgary Working Papers in Linguistics*, vol. 23, n. 1, p. 14-29, jul./dez.. 2001.
- FUKAZAWA, H. Multiple input-output faithfulness relations in japanese. *Proceedings of MALC*. Missouri: University of Missouri, p. 234-254. 1997.
- GONÇALVES, C. A. V. *Restrições de fidelidade em modelos paralelistas: morfologia e fonologia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.
- , C. A. V. Processos morfológicos não-concatenativos: tipologia e funcionalidade. *ALFA – Revista de Lingüística*, Araraquara, vol. 48, n. 1, p. 9-27, jul./dez.. 2004.
- KIEFER, F. Morphology and Pragmatics. In.: SPENCER, A. & ZWICKY, A. (Eds.). *The Handbook of Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press. 1998. p. 212-219.
- LAUBSTEIN, A. S. Word Blends as sublexical substitutions. *Canadian Journal of Linguistics*, Montreal, vol. 44, n. 2, p. 127-48, jan./jul..1999.
- McCARTHY, J. A prosodic theory of nonconcatenative morphology. *Linguistic Inquiry*, New York, vol. 12, n. 3, p. 373-417, jul./dez.. 1986.
- McCARTHY, J. & PRINCE, A. Generalized Alignment. In.: BOOIJ, G. E. & MARLE, J. (Eds.). *Yerbook of Morphology*. Dordrecht: Kluwer. 1993. p. 156-187.
- McCARTHY, J. & PRINCE, A. *Faithfulness and reduplicative identity*. Rutgers: Rutgers University, 1995.

PIÑEROS, C. E. *Word-blending as a case of non-concatenative morphology in spanish*. Rutgers: Rutgers University, 2000.

PRINCE, A. & SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: constraint interaction in generative grammar*. Rutgers University/University of Colorado: New Brunswick, 1993.

RIO-TORTO, M. G. *Morfologia Derivacional: teoria e aplicação ao português*. Lisboa: Porto, 1998.

ROCHA, L. C. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

SÂNDALO, M. F. Morfologia. In.: MUSSALIN, F. & BENTES, A. C. (Eds.). *Introdução à Lingüística*. São Paulo: Cortez, v. 1, p. 45-67, 2001.

SANDMANN, A. J. *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto, 1990.

SILVEIRA, C. M. da. *Cruzamento Vocabular em português: acaso ou processo?* 2002. 76f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2002.

SPENCER, A. *Morphological Theory*. Cambridge: Basil Blackwell, 1991.

URBANCZYK, S. *Patterns of reduplication in Lushootseed*. 1996. 149f. Doctoral (Dissertation. Amhest), University of Massachusetts, 1996.

VILLALVA, A. *Estruturas lexicais do português*. Coimbra: Almedina, 2000.